

ANOTAÇÕES DE QUEVEDO
À
RETÓRICA DE ARISTÓTELES



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
FERNANDO FERREIRA COSTA

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente
PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO
JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Luisa López Grigera



ANOTAÇÕES DE QUEVEDO
À
RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Estudo preliminar, edição das anotações de Quevedo à *Retórica* de Aristóteles em versão paleográfica e moderna com notas, Salamanca, 1998

Tradução do latim: Paulo Vasconcellos

Tradução do espanhol: Cássio Borges

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

L881a López Grigera, Luisa.
Anotações de Quevedo à *Retórica* de Aristóteles / Luisa López Grigera; tradução de Paulo Vasconcellos e Cássio Borges. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

Tradução do latim.
Tradução do espanhol.

1. Quevedo, Francisco de, 1580-1645. 2. Aristóteles. 3. Retórica. 4. Barroco. I. Título.

CDD 808
709.032

ISBN 978-85-268-0803-4

Índices para catálogo sistemático:

| | |
|-------------|---------|
| 1. Retórica | 808 |
| 2. Barroco | 709.032 |

Copyright © by Luisa López Grigera
Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Prólogo à edição brasileira

Dez anos depois da publicação em espanhol destas anotações de Quevedo, a generosa acolhida — que tanto agradeço — do admirado e querido colega Alcir Pécora as apresenta ao público de língua portuguesa, língua que é também um pouco a minha, de minha Galícia natal. Ao reler meu trabalho, sinto que devo insistir em alguns pontos que tocam a arte de fins do século XVI e princípios do XVII, ao que chamam arte “barroca”. E para isso nada melhor que começar referindo Góngora, a quem, em 1613, Pedro de Valencia escrevia, dando-lhe “uma de cal e outra de areia” sobre as *Soledades*. Uma de suas recomendações era a que Dionísio de Halicarnaso usa para encerrar seu “Tratado da Composição” (a *compositio* retórica atendia a três aspectos da obra: *ordo*, *iunctura*, *numerus*): “pois a melhor prosa é a que se parece com o verso e o melhor verso o que se parece com a prosa”. Desde que, na Idade Média, ao compor as “prosas” em “curso ritmado”, surgira o verso de “sílabas contadas”, com rima e estrofes, a poesia ocidental permaneceu espremida nessas estruturas fixas, estruturas que aos poetas do Renascimento pareceriam estreitas, além de pouco clássicas. O hendecassílabo foi um passo para a liberdade, mas, aos fins do XVI, os ares que sopravam eram para a liberação delas. Daí que a frase de Dionísio pode servir como acicate para empreender novos caminhos: o verso branco, por exemplo, e a “silva”, cujo criador espanhol confessa, numa de suas anotações a Aristóteles, que compôs em prosa “pedestre”, isto é, simples.

Outra contribuição fundamental destas notas é a referente ao uso da metáfora, em parte apoiado em Aristóteles, em parte em oposição a ele: enaltecer o baixo e, em contrapartida, baixar o alto. Os deuses do Olimpo pintam-se como sujeitos de baixa catadura e os tipos baixos enaltecem-se, como nas jácaras e na picaresca, ou são enaltificados — dignificados — por escritores e pintores.

Devo recordar, porém, uma terceira contribuição importantíssima destas anotações: a moção dos afetos nos retóricos gregos é fundamental, assim como o pôr diante dos olhos as ações, como se estivessem sendo presenciadas diretamente. Esses preceitos sobreviveram na literatura ocidental até o século XX, porém tratava-se de mover afetos sublimes e trágicos, enquanto Quevedo, apoiando-se em Aristóteles, recorda a importância não só de mover às lágrimas, mas também a de mover ao riso. A grande riso. À importância do risível. Quando algum hispanista inglês se atreveu há quase meio século a recordar que o *Quijote* é uma obra que se propõe a fazer rir, aquilo soou a blasfêmia. Hoje as coisas vão mudando, mas essa preocupação de Quevedo, nas suas anotações, pelo risível, nos situa no que era normalmente aceitável e até desejável na melhor literatura daqueles anos.

Não poderia encerrar este Prólogo sem agradecer a Paulo Franchetti, diretor da Editora da UNICAMP, a oportunidade desta edição brasileira, bem como os cuidados todos que lhe prodigalizou, dos quais destaco a colaboração que obtive de Paulo Vasconcellos, professor de latim da UNICAMP, que se responsabilizou pela tradução direta para o português dos trechos da *Retórica* aristotélica, na versão latina de Ermolao Barbaro. Agradeço, enfim, a Cássio Borges, aplicado tradutor deste trabalho.

Para
Alcir Pécora
João Adolfo Hansen
Lavinia Silveares Fiorussi

Trecientos años ha cumplido la muerte corporal de Quevedo, pero éste sigue siendo el primer artífice de las letras hispánicas. Como Joyce, como Goethe, como Shakespeare, como Dante, como ningún otro escritor, Francisco de Quevedo es menos un hombre que una dilatada y compleja literatura.

BORGES*

Porque la prudencia es virtud del alma, la cual en hombres y mujeres es natural igualmente y tiene por raíz la razón bien ordenada, que los constituye en seres racionales.

QUEVEDO, *Anacreón castellano***

*Tartarín en Koenigsberg.
con el puño en la mejilla,
todo lo llegó a saber.*

ANTONIO MACHADO, *Proverbios e cantares****

* “A morte corporal de Quevedo completou 300 anos, mas ele continua sendo o primeiro artífice das letras hispánicas. Como Joyce, como Goethe, como Shakespeare, como Dante, como nenhum outro escritor, Francisco de Quevedo é menos um homem que uma dilatada e complexa literatura.” (N. do T.)

** “Porque a prudência é uma virtude da alma, que em homens e mulheres é igualmente natural e tem por raiz a razão bem-ordenada, a qual os constitui como seres racionais.” (N. do T.)

*** “Tartarín em Koenigsberg./ com o punho na cara,/ tudo chegou a saber.” (N. do T.)

Sumário

| | |
|--|-----|
| <i>Prefácio da primeira edição</i> | II |
| 1 <i>Quevedo leitor</i> | 13 |
| 2 <i>A Retórica de Aristóteles no Renascimento e no Barroco</i> | 31 |
| 3 <i>Quevedo e a retórica</i> | 53 |
| 4 <i>As jácaras de Quevedo</i> | 77 |
| <i>Conclusões</i> | 95 |
| | |
| TEXTO DAS ANOTAÇÕES DE QUEVEDO À <i>RETÓRICA DE ARISTÓTELES</i> | 101 |
| | |
| <i>Texto das Anotações de Quevedo a Aristóteles I</i> | 113 |
| | |
| <i>Texto das Anotações de Quevedo a Aristóteles II</i> | 165 |

Prefácio da primeira edição

Em agosto de 1994, em uma visita à Biblioteca Menéndez y Pelayo, em Santander, para estudar marcas-d'água de um códice atribuído a Quevedo e também à procura de manuscritos e edições espanholas antigas de Aristóteles, ao consultar os arquivos, encontrei um exemplar de sua *Retórica*, anotado de próprio punho por dom Francisco. Ainda que a ficha registrasse as anotações autógrafas, nenhum quevedista jamais se havia referido a essa obra, profusamente anotada. Como, já há meio século, me venho dedicando a estudar a riquíssima arte de Quevedo, a necessidade de entendê-lo levou-me a múltiplos caminhos laterais, um dos quais me conduziu, há quase 30 anos, a uma trilha semi-abandonada, que se tornou um atalho excepcional — a retórica. Não é muito difícil imaginar o que aquela tarde de agosto representou para mim: tinha diante de meus olhos algo com que jamais pudera atrever-me a sonhar.

Nos últimos lustros, muitos de nós, estudiosos da literatura da Europa e da América, estamos recuperando essa velha disciplina, tanto por ela em si quanto como método para decodificar as obras literárias, pois acreditamos que serviu para produzir as melhores de todos os tempos. Não se podia pôr em dúvida que os escritores anteriores ao Romantismo e formados na universidade sabiam retórica. Que alguns escritores, porventura os menos dotados, haviam empregado seus preceitos também se podia aceitar. Porém, insinuar que os grandes, os que a história literária romântica considerou “gênios”, como Garcilaso, Cervantes, Lope,

Quevedo, haviam utilizado tais instrumentos para muitos soava — e, talvez, ainda soe — como blasfêmia atroz e pecado contra o espírito. Esse exemplar da *Retórica* de Aristóteles “examinado e anotado” por Quevedo em “todos os lugares que pertencem à Poética e aos Poetas” é a prova mais completa e inegável da importância fundamental que as duas disciplinas, poética e retórica, tiveram na produção da grande literatura espanhola e também européia daquela época.

Quero agradecer muito especialmente a Rosa Fernández Lera e a Andrés Rey Sayagués, da Biblioteca Menéndez y Pelayo, que me auxiliaram de modo tão eficaz e prudente no início desta investigação, quando encontrei o referido texto. Devo agradecer a José Varela Ortega e a Magdalena Mora pelas páginas da *Revista de Occidente*, cedidas para o artigo em que noticiei o achado. A Blanca Beristain, pela publicação em *ABC* dessa notícia. A Luis e María Luisa Villamarín, Javier Durán, Juan Miguel Valero e Nicolás Goic, por sua incomparável ajuda nas revisões dos textos de Quevedo; a Manuel Hervás, por sua assistência com os computadores; à Universidade de Michigan, por sua bolsa de pesquisa, com a qual se financia esta publicação, e a quantos me alentaram neste transe feliz, mas doloroso, como todo parto.

ADVERTÊNCIA

Este livro estava destinado à publicação com o fac-símile do volume guardado na Biblioteca Menéndez y Pelayo, de Santander, que encontrei em seus arquivos no verão de 1994. Quando dom Javier Ajenjo se encarregou interinamente dessa biblioteca e lhe mostrei o exemplar, explicando sua importância, como valor agregado, para os estudos de teoria literária, ele se propôs a realizar uma edição fac-similar dessa obra, à qual acompanharia um volume com meus estudos. A seu pedido, dei publicidade ao achado nas páginas da *Revista de Occidente* e quase simultaneamente em *ABC*. Mas como a edição se atrasava, devido a problemas na composição de sua segunda parte, decidi publicar meus estudos separadamente.

CAPÍTULO I
Quevedo leitor

Se, com toda razão, se diz que Quevedo escreveu alguns dos sonetos amorosos mais belos de toda a literatura hispânica, deve-se também reconhecer que compôs o soneto em que se expõe com maior harmonia poética o sentido da leitura:

Retirado en la paz de estos desiertos,
con pocos, pero doctos libros juntos,
vivo en conversación con los difuntos
y escucho con mis ojos a los muertos.

Si no siempre entendidos, siempre abiertos,
o enmiendan, o fecundan mis asuntos,
y, en músicos callados contrapuntos,
al sueño de la vida, hablan despiertos.

Las grandes almas que la muerte ausenta,
de injurias de los años, vengadora,
libra, ¡oh gran don Joseph!, docta la imprenta

En fuga irrevocable huye la hora;
pero aquella, el mejor cálculo cuenta,
que en la lección y estudios nos mejora.*

1 O rascunho autógrafo desse soneto conserva-se nas guardas do Ms. Ad. 108 da British Library. José M. Blecua editou-o em F. de Quevedo, *Obra poética*. Madri: Castalia, 1969,

De um homem que pensa assim a respeito do estudo e da leitura, não é de estranhar que seu primeiro biógrafo, Pablo de Tarsia,² afirmasse que “chegou a graus tão eminentes de sabedoria porque nunca estudou com outro fim que não fosse o saber”.³

ANOS DE FORMAÇÃO

É muito difícil imaginar dom Francisco sem livros. Contudo, não é fácil saber, ao certo, a leitura freqüentada por ele. Isso porque tínhamos poucos testemunhos diretos e seguros sobre sua infância; sobre ela, foi-se tecendo uma lenda negra, verdadeiramente deplorável, apoiada no fato de que sua mãe, ao ficar viúva, voltou a trabalhar como dama de palácio. Como consequência disso, segundo alguns críticos, dona María de Santibáñez não poderia ter cuidado da educação de seu filho. A lenda tem duas faces negativas: uma, a do abandono, por parte da mãe, de suas

vol. I, p. 252. Leva o nº 131 dessa edição. Minha transcrição difere dela em alguns poucos detalhes de pontuação. Trato desse soneto em dois artigos que se complementam: “Análisis de un soneto de Quevedo”, em *Dicenda, Cuadernos de Filología Hispánica*, 7. Madri: Ed. da Universidade Complutense, 1987, pp. 105-16, e em “Cuestión de géneros y estilos en dos sonetos de Quevedo”, *Symbolae Pisanae. Studi in onore di Guido Mancini*. Org. Blanca Perinián e Francesco Guazzelli. Pisa: Giardini Editori, 1989, vol. II, pp. 335-47.

* “Retirado na paz destes desertos,/ com poucos, porém doutos livros juntos,/ vivo em conversação com os defuntos/ e escuto com meus olhos os mortos.// Se nem sempre entendidos, sempre abertos,/ emendam, ou fecundam meus assuntos,/ e, em musicais calados contrapontos,/ ao sonho da vida, falam despertos.// As grandes almas que a morte ausenta,/ das injúrias dos anos, vingadora,/ livra, ó grande dom Joseph!, doua a imprensa// Em fuga irrevogável fuge a hora,/ mas aquela, o melhor cálculo conta,/ que na lição e estudos nos melhora.” (N. do T.)

2 Pablo Antonio de Tarsia, *Vida de don Francisco de Quevedo*. Madri, 1729. Existem opiniões distintas a propósito do valor dessa obra. Ela foi considerada fidedigna por Fernández Guerra, que a citou e utilizou. No século XX, James O. Crosby desacredita-a, apoiando-se no episódio narrado pelo italiano da participação de Quevedo na conspiração de Veneza. Com o rigor e a erudição que lhes são próprios, Alessandro Martinengo distingue, perfeitamente, o que pode ser fidedigno nessa *Vida*, que é o histórico, geralmente documentado ou recolhido de viva voz e em primeira mão, e o que ele chama “hagiográfico”, que são as interpretações de tipo elogioso. Ver A. Martinengo, “La Vida de Quevedo de Pablo de Tarsia: ‘discours’ e ‘recit’”, in Víctor García de la Concha (ed.), *Academia Literaria Renacentista*, II. Salamanca, 1982, pp. 59-68.

3 Op. cit., p. 12a.

responsabilidades na formação do menino e, como conseqüência desta, a outra, de uma suposta vida infantil e adolescente de Quevedo, correndo pelos pátios do palácio, entre pretendentes, pícaros e outros tipos humanos nada edificantes. Segundo as fantasias do Duque de Maura, o menino Francisco Gómez de Quevedo teria sido criado quase como um pequeno pícaro, nos pátios do palácio real:

Quevedo viveu dos 7 aos 16 anos no palácio, nas habitações reservadas aos serviçais, poucas e pequenas. Habitaria com sua mãe e seus irmãos os altos do palácio, no ático, reservado para as mulheres solteiras ou viúvas com filhos pequenos. Francisco e seu irmão primogênito Pedro sentir-se-iam rapidamente atraídos pelo fervilhar dos pátios da fortaleza, feira de novidades onde concorriam, de fato e de direito, homens de todo tipo, mais malfalados que os inquilinos do ático, de modos muito menos corretos, igualmente futriqueiros e ainda mais maledicentes.⁴

Sobre essa visão sombria, que não foi a primeira, desenvolveu-se a lenda, que enfim vai sendo desfeita com a publicação de documentos pertinentes. Com efeito, há alguns anos, Marciano Martín Pérez⁵ reuniu a documentação que começou a dissipar o equívoco da primeira afirmação. Estudando os autos do processo de beatificação do frei Alonso de Orozco, em Madri, em 1619, ele descobriu que um dos que testemunharam ali foi o nosso Quevedo, que parece ter-se apresentado espontaneamente para depor no referido processo:

As circunstâncias e a posição da declaração de Quevedo fazem-na muito interessante; é, no momento, o único documento oficial ou privado que dele temos em tal data. Quando a prestou, o poeta havia completado 39 anos e não fazia muito tempo que regressara da Itália, cansado e desenganado, após o fracasso

4 Duque de Maura, *Conferencias sobre Quevedo*. Madri: Saturnino Calleja, 1994, p. 132.

5 Marciano Martín Pérez, “Dos notas sobre Quevedo”, *Burgense*, 16, 1975, pp. 259-80. Em seu livro *Quevedo. Aproximación a su religiosidad* (Burgos: Aldecoa, 1980), Martín Pérez publica o documento da declaração de Quevedo na causa da beatificação de Alonso de Orozco, pp. 205-8.

da linha política seguida em Nápoles pelo enérgico Duque de Osuna, de quem Quevedo havia sido amigo, confidente e conselheiro.⁶

De fato, a declaração de 23 de novembro de 1619, desse processo, lança luz sobre vários detalhes de sua infância. Dom Francisco declara que conheceu o padre Orozco, que, como se sabe, morreu em 1591: “por haver sido o bendito padre Orozco muito familiar aos pais desta testemunha, e também por lhe haver ensinado muito porque, quando esta testemunha era um menino, seus pais o enviaram à cela do bendito padre, parecendo-lhes que com isso se encaminharia virtuosamente”.⁷

Os pais de Quevedo, pelo que se vê, estavam estreitamente vinculados ao santo, e o menino freqüentou-o muito até os 10 anos de idade. Em várias de suas outras respostas, Quevedo faz alusão à devoção e à piedade de sua mãe, que parece não ter sido nem beata, nem mulher superficial: ela mandara seu filho visitar o monge em sua cela, o que impressionou fortemente o menino, pela simplicidade e pela ausência de qualquer luxo e conforto. Daqui se tiram duas conclusões: em primeiro lugar, que, se o garoto tivesse vivido nas habitações — também pobres, mesmo que não tão virtuosas — dos áticos do palácio, a austeridade da cela não poderia tê-lo impressionado tanto; em segundo lugar, que a mãe de Quevedo não havia abandonado a formação moral de seu filho. Ao mesmo tempo, nota-se que ele lembra de sua mãe como mulher devota, caridosa e cristã séria, sem beatices. Também convém recordar o que dizia Eugenio Asensio sobre a estima do beato Orozco por Erasmo: “Bataillon mostra que Erasmo foi para os espanhóis um renovador da devoção. Por vezes, chegaram a compará-lo com os santos padres. O próprio Beato Orozco, em sua *Declamatio in laudem P.N. Augustini* (sem local ou data, por volta de 1546), nomeia Erasmo, gloriosamente, entre os santos e gerais da Ordem”.⁸

6 Idem, op. cit. p. 260.

7 Idem, op. cit., p. 277.

8 Eugenio Asensio, “El erasmismo y las corrientes espirituales afines”, *RFE*, 26, 1952, pp. 31-99. Citação na p. 34.

Essa relação com o beato Orozco nos revelaria então que o cristianismo dos pais de Quevedo, o que ele recebeu em sua infância e primeira adolescência, deveria estar muito impregnado de devoção com visos de erasmismo. Algo que não nos pode causar estranhamento se considerarmos a primeira redação da *Doctrina moral*, realizada por volta de 1612, em que, num conhecido parágrafo sobre a hipocrisia, o qual deve muito ao doutor Constantino Ponce de la Fuente,⁹ recomenda, em matéria de oração, o seguinte:

Deixa de presumir cobiça na Suma Bondade e não gastes muitas e vãs palavras com Quem lê os corações, pois Ele disse que não está no muito falar a oração. Bem podes rezar com os olhos abertos. *De que adianta torcer o pescoço?* O coração dá vozes e, sendo puro, encontra Deus sempre perto de si. Ele conhece tuas necessidades e Ele pode remediá-las: não cuides tu de outra coisa que não seja o merecimento deste remédio, não é necessário que as digas *na Igreja* para sabê-las.¹⁰

Na segunda redação, *La cuna y la sepultura*, de 1634, Quevedo executa algumas correções. Suprime o primeiro dos períodos que coloquei em itálico e modifica o segundo para *não é necessário que as digas com hipocrisia para sabê-las*. Na primeira redação, além de ter usado o texto do famoso pregador sevilhano, condenado por heresia em 1561, Quevedo parece estar numa espiritualidade de devoção interior, numa espiritualidade de viés erasmista. Na segunda redação dessa obra, em *La cuna y la sepultura*, como observou Alatorre, Quevedo insere de permeio, num novo capítulo sobre a preparação para a morte, uma longa passagem do próprio Erasmo.

Outros tantos documentos, publicados recentemente, não só confirmam essa preocupação da mãe com a educação moral de seus filhos, mas também ajudam a desvendar como e onde nosso autor foi educado; além

9 Conf. Antonio Alatorre, “Quevedo, Erasmo y el doctor Constantino”, *NRFH*, 7, 1953, pp. 673-83.

10 Francisco de Quevedo, “La cuna y la sepultura para el conocimiento propio y desengaño de las cosas ajenas”. Edição crítica, prólogo e notas Luisa López Grigera. *Anejo XX del Boletín de la Real Academia Española*. Madri, 1969, pp. 105-6.

disso, iluminam a personalidade da mãe e da família dela. A hispanista francesa Josette Riandière La Roche, que estudou inúmeros documentos dos quatro ramos da família de Quevedo, além de chegar à conclusão de que essas famílias, embora da pequena nobreza, pertenciam à antiga, da Montanha, vinculada ao serviço do palácio por várias gerações,¹¹ demonstrou também que o menino e adolescente Francisco Gómez de Quevedo recebeu em sua casa uma esmerada educação, com diferentes aios, cujos nomes são agora conhecidos: o primeiro foi Cristóbal ou Jerónimo Rodríguez, que atendeu os dois irmãos, entre princípios de 1587 e fins de 1590, isto é, entre os 6 anos e meio e os 10 anos de idade de Francisco. Durante os três anos seguintes, o preceptor — somente de Francisco, pois seu irmão já havia falecido — foi um estudante chamado Julián de Cañete, “que o acompanhava e passava as lições”,¹² segundo o relato do documento notarial. Supõe-se que o acompanharia às aulas no colégio, que seria provavelmente o dos jesuítas de Madri. O terceiro aio, que o serviu nos anos de 1594 e 1595, chamava-se Gómez de Estrada e acompanhou-o ao convictório jesuítico de Ocaña,¹³ onde esteve como interno com o adolescente.

Esses documentos demonstram que dona María de Santibáñez proporcionou a seus filhos, desde muito cedo, preceptores em casa — pelo menos, desde que Francisco tinha 6 anos —, e que manteve esse filho, dos 13 aos 15, como interno no convictório dos jesuítas de Ocaña, acompanhado por um aio, a quem pagava o salário e a manutenção. Suas filhas também contavam com preceptores em casa, que as preparavam adequadamente. A professora Riandière observa que a mãe de Quevedo pretendia proporcionar a seu filho a melhor educação possível e a melhor preparação para o serviço do rei.¹⁴ Ao que parece, ainda que dona

11 Josette Riandière La Roche, *Nouveaux documents quévédiens. Une famille à Madrid au temps de Philippe II*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1992: “Il semble désormais établi, ... que les origines familiales de don Francisco sont de petite mais de vieille noblesse”, p. 99.

12 Idem, op. cit., p. 214.

13 Idem, op. cit., p. 215.

14 Idem, op. cit., p. 89: “une mère soucieuse de donner à son fils la meilleure éducation possible, et la meilleure préparation pour le service du Roi”.

María de Santibáñez tivesse que passar muitas horas em suas tarefas de palácio, é evidente que os filhos não ficavam abandonados, correndo pelos pátios do palácio real, já que estavam aos cuidados de aios que os haviam introduzido, o primeiro, na leitura e na escrita da língua vernácula e, o segundo, na gramática, ou seja, no estudo do latim — tarefa que culminaria com os cursos superiores da *ratio*, no convictório jesuítico de Ocaña. Segundo o que se infere dos planos de estudo da Companhia, os estudantes trabalhavam intensamente durante toda a semana. Aprimoravam-se nas línguas cultas, pois faziam todos os seus exercícios de poética e de retórica em latim. Também tinham que escrever diversos exercícios semanais em grego. Nosso autor, assistido por um aio, que o ajudava a repassar as lições e o auxiliava na redação dos exercícios, certamente pôde progredir intensa e extensamente em suas leituras.

Sabe-se que, em 1596, Quevedo ingressa, com 16 anos, na Universidade de Alcalá.¹⁵ Com tudo o que acabamos de ver, explica-se que tão cuidada educação se tivesse acumulado num jovem da classe alta; uma cultura que, se não era tão freqüente, tampouco era de total exceção na nobreza espanhola do Renascimento: a família Mendoza, entre outras, é uma prova clara dessa excelência na formação humanística. Aqui se percebe que o elogio de Justo Lipsio ao jovem de menos de 25 anos — “ânimo tão polido pela doutrina e pela virtude [...]. Esta glória dá-se raras vezes entre as pessoas de tua posição e felicito mais a tua pátria que a ti mesmo”¹⁶ — não foi tão exagerado, nem de tão pura cortesia como se pretendeu. De fato, desde muito cedo, nosso autor viveu, no ambiente familiar que o cercava, a preocupação com os estudos, assunto que lhe parecerá sempre de capital importância. Em carta a seu parente, dom Sancho de Sandoval, dirá, num dado momento, referindo-se ao filho deste: “Muito me alegra que o Sr. dom Juan estude, pois este é um exer-

15 Ver Patricia O’Connell, “Francisco de Quevedo’s study of philosophy in the University of Alcalá de Henares”, *Bulletin of Hispanic Studies*, 49, 1972, pp. 256-64.

16 Alejandro Ramírez, *Epistolario de Justo Lipsio y los españoles (1577-1606)*. Madrid: Castalia, 1966. Quevedo escrevera a Lipsio, que lhe respondera e, agradecendo seu ânimo afetuoso para com ele, realizara esta reflexão sobre o seu espírito: “animos, sic omni doctrina e virtute perpolitos. Rarum in ista nobilitate tua decus, quod non tibi magis, quam patriae gratulor”, p. 391.

cício necessário para saber ser quem é, e quem são os outros, o que não importa menos, e é dignidade e prerrogativa para qualquer estado; hoje, este é o único caminho da grandeza, e o superior”.¹⁷

A frase de Quevedo contém duas afirmações, interessantes por si e pelo que nos revelam da personalidade de seu autor: a primeira, que o estudo fornece o conhecimento de si mesmo, o famoso preceito socrático, e o conhecimento dos demais; e a segunda, que o estudo, sendo “prerrogativa para qualquer estado”, era então o “único caminho da grandeza e o superior”. A primeira situa-o no que já conhecemos de seu pensamento neo-estóico; mas a segunda surpreende-nos, pois parece revelar um membro da nobreza que considera — como qualquer burguês e muito distintamente do que alguns críticos vêm afirmando — que o caminho para a grandeza é o estudo, não o sangue, nem a milícia.¹⁸

De fato, isso é o que acontecia com algumas pessoas que serviam no palácio nessa época: sua avó materna, dona Felipa de Espinosa y Rueda, que havia sido “criada do príncipe dom Felipe Nosso Senhor”, como mostram os seus três testamentos publicados pela professora Riandière, obtivera para as crianças de sua filha María de Santibáñez que: “Sua Majestade [o rei dom Felipe II] fizesse mercê a seu filho mais velho do ofício de seu pai e, ao segundo, de uma pensão de cento e cinquenta ducados”.¹⁹ No terceiro testamento, de 1596, dona Felipa especifica um pouco mais essas concessões reais para seus netos:

Eu pedi algumas mercês a Sua Majestade para meus netos. Pois, quando morreu Pedro de Quevedo, que esteja em glória, pedi seu ofício para seu filho maior: no-lo fez Sua Majestade. E quando aquele menino morreu, pedi-lhe uma segunda ou terceira vez para uma irmã sua; assim, no dia de hoje, o tem e goza para este efeito dona María, minha filha. Também pedi uma pensão para

17 “Cuarenta y tres cartas autógrafas e inéditas de Quevedo”, in Luis Astrana Marín, *Obras completas. Obras en verso*. Madri: Aguilar, 1952, pp. 1.713-46, 1.722b-23a.

18 Ver sobre isso as duas notas, a de nº 45, da página 227 do texto, e a referência feita na *España defendida* ao problema da nobreza. Trato disso na nota da edição em castelhano moderno.

19 Trata-se do primeiro testamento de dona Felipa de Espinosa, feito em Madri em 1588. Riandière, *op. cit.*, p. 161.